

# Retrato Sociodemográfico dos “Portugueses de Hong Kong” (1879-1949)

ALFREDO GOMES DIAS\*

O estudo que temos vindo a realizar no âmbito da diáspora macaense assenta em duas perspectivas complementares: por um lado, um determinado fluxo migratório só pode ser analisado quando integrado no seu contexto histórico e nos movimentos migratórios internacionais onde se insere; por outro lado, a direcção, a composição e a persistência dos fluxos migratórios dependem das redes sociais que os suportam.<sup>1</sup>

Para aprofundarmos a análise do fluxo migratório entre Macau e Hong Kong e, mais concretamente, para reconhecermos o papel desempenhado pelas redes sociais que se estabeleceram e perduraram ao longo do tempo entre aquelas duas cidades, assume particular importância a identificação das características sociodemográficas da comunidade macaense que se instalou naquela colónia britânica.<sup>2</sup>

Não obstante os movimentos da população de Macau, que existiram antes de 1842, os quais podem ter representado um factor facilitador para a emigração, consideramos que a diáspora macaense resultou das transformações políticas, económicas e sociais que ocorreram na China e em toda a Ásia Oriental na sequência da I Guerra do Ópio e da assinatura do tratado de Nanquim, em 1842. Os quantitativos de

migrantes envolvidos, a persistência do movimento migratório macaense ao longo do tempo e a diversidade de destinos encontrados durante século e meio, permitem-nos considerar que estamos perante um fenómeno migratório de características muito diferentes dos anteriores.

Hong Kong foi o primeiro destino dos migrantes macaenses após a I Guerra do Ópio. Este facto, aliado à proximidade geográfica em relação a Macau, principal território de partida, justifica o interesse pelo estudo da comunidade macaense que ali se instalou. Entre Macau e Hong Kong permaneceram laços socioculturais consolidados pelo funcionamento das redes sociofamiliares que deram suporte à continuidade do fluxo migratório de Macau para aquela colónia britânica.

## OS REGISTOS CONSULARES

Para continuar o esforço que tem sido desenvolvido no sentido de melhor conhecer as comunidades macaenses da diáspora é imperativo definir novas problemáticas e encontrar novas fontes de informação.<sup>3</sup> A fim de desenvolver o estudo da integração das comunidades migrantes e do papel das redes na manutenção dos vínculos socioculturais com o território de origem, ensaiámos a procura de informação estatística que permitisse desenhar um retrato sociodemográfico das comunidades migrantes envolvidas. Foi nesse processo de investigação que chegámos aos registos consulares e, para o caso

---

\* Doutoramento em Geografia Humana pela Universidade de Lisboa. Docente da Escola Superior de Educação (Lisboa) e investigador do Centro de Estudos Geográficos.

*Ph.D. in Human Geography from Lisbon University. Lecturer at Lisbon's Escola Superior de Educação and researcher in the Centro de Estudos Geográficos.*

em estudo, aos “Livros de Matrícula dos Cidadãos Portugueses” criados pelo Regulamento Consular Português Mandado Executar por Decreto de 26 de Novembro de 1903, o qual entrou em vigor no dia 1 de Julho de 1904, revogando o Regulamento anterior datado de 1851. Posteriormente, no artigo 72.º do Regulamento consular de 1920 confirmava-se a obrigatoriedade dos postos consulares manterem livros de matrícula de cidadãos portugueses.<sup>4</sup>

Uma informação fundamental no estudo de qualquer fluxo migratório é o ano de emigração. Não tendo acesso a este dado, no que se refere aos macaenses que partiram para Hong Kong, aqueles registos consulares são uma fonte de informação que nos ajudam, em parte, a superar esta lacuna, na medida em que permitem conhecer as possíveis tendências demográficas e sociais que caracterizaram a migração macaense neste período. É com esta ressalva que nos atrevemos a avançar com a nossa investigação.

A partir do censo<sup>5</sup> realizado em Hong Kong em 1881 podemos confirmar o peso da comunidade macaense na sociedade de Hong Kong, em particular entre os ocidentais, europeus e americanos. A comunidade portuguesa/macaense representava 61,5%, muito distante daquela que se encontrava em segundo lugar, a comunidade britânica, com 25,8% (Quadro 1).

Sabemos que nem todos os cidadãos portugueses se matriculavam no consulado. De qualquer modo, pode considerar-se que a totalidade dos registos consulares entre 1879 e 1949, dos quais recolhemos 4168 nomes, constitui uma amostra válida que nos ajuda a traçar um retrato social e demográfico da comunidade dos “portugueses de Hong Kong”.

O facto de não se tratar de um recenseamento à comunidade, mas de registos consulares, obriga-nos a analisar estes livros de matrícula no seu dinamismo temporal, pois não nos fornecem informações sobre a população num determinado momento, como acontece no caso de um censo (Quadro 2).

Destes livros recolhemos 4168 nomes, sendo sensivelmente igual o número de homens (2086) e de mulheres (2082). Estes nomes correspondem aos primeiros signatários dos registos e ao nome do marido/esposa, caso ele fosse casado ou viúvo e identificasse o respectivo cônjuge. Assim, o registo de cada português inclui o seu nome, o nome do cônjuge, idade, estado civil, número de filhos, local e data de nascimento

QUADRO 1. EUROPEUS E AMERICANOS COM RESIDÊNCIA FIXA EM HONG KONG (1881)

Nacionalidades	Total	%
Portugueses	1869	61,5
Britânicos	785	25,8
Alemães	188	6,2
Americanos	70	2,3
Franceses	42	1,4
Italianos	40	1,3
Dinamarqueses	10	0,3
Holandeses	8	0,3
Russos	7	0,2
Suíços	6	0,2
Espanhóis	5	0,2
Suecos	4	0,1
Austríacos	3	0,1
Turcos	2	0,1
Belgas	1	0,0
<b>Total</b>	<b>3040</b>	<b>100,0</b>

Adaptado de *Hongkong Census of 1881*, in Ofício 132 de 28 de Junho de 1881, do governador de Macau, Joaquim José da Graça, para o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar (AHU-ACL-SEMU-1R-002-Cx. 0002). Cálculos do autor.

dos filhos, profissão e, finalmente, local e data de falecimento. No entanto, importa esclarecer que nem todos os registos estão completamente preenchidos, podendo surgir campos de informação deixados em branco. Por vezes, a mesma pessoa aparece em dois registos, por exemplo, a esposa de um macaense matriculado, cujo nome consta do registo do marido e que se regista novamente, após a viuvez, agora como primeira titular. Nestes casos, optámos pelo primeiro registo, anulando-se o segundo, mas aproveitando deste as informações complementares que, eventualmente, fornecesse.

É na década de 1910 que se regista um aumento significativo de matrículas, facto que é explicado por

## DIÁSPORA MACAENSE

QUADRO 2. NÚMERO DE MATRICULADOS NO CONSULADO DE PORTUGAL EM HONG KONG POR DÉCADAS (1879-1949)

Décadas	N.º	%	Acumulado
1870	44	1,1	44
1880	185	4,4	229
1890	143	3,4	372
1900	104	2,5	476
1910	787	18,9	1263
1920	466	11,2	1729
1930	945	22,7	2674
1940	1494	35,8	4168
<b>Total</b>	<b>4168</b>	<b>100,0</b>	

Fonte: Livros de Matrícula do Consulado de Portugal em Hong Kong (Consulado de Portugal em Macau). Cálculos do autor.

dois factores: o primeiro tem a ver com a sistematização das matrículas na sequência do regulamento de 1903, a que aludimos anteriormente; a outra razão explica-se pelo clima de insegurança provocado pelo deflagrar da I Guerra Mundial (1914-1918), o que terá levado muitos cidadãos não registados a fazê-lo nessa altura. O mesmo raciocínio leva-nos a relacionar a percentagem elevada de registos (35,8%) na década de 1940 com o contexto da invasão japonesa de 1937, na China, e o deflagrar da II Guerra Mundial.

Antes de iniciarmos uma análise mais pormenorizada convém sublinhar que os dados disponíveis nos livros consulares se iniciam no final de 1870, isto é, mais de trinta anos depois de ter começado a migração de Macau para Hong Kong. Por isso, esta análise já não vai incidir sobre o “núcleo fundador” da comunidade macaense de Hong Kong, mas no conjunto de migrantes que, ano após ano, se estabeleceram, permanecendo na colónia britânica. Por outro lado, tendo em conta os quantitativos envolvidos e o modo como evoluíram, propomos que se definam duas fases distintas neste primeiro período da diáspora macaense: um, de 1879 a 1909; outro, de 1910 a 1949.<sup>6</sup>

## HOMENS E MULHERES MACAENSES EM HONG KONG

Se a paridade é quase perfeita no que se refere à totalidade dos homens e mulheres matriculados no consulado de Hong Kong, quando analisamos a forma como evolui a distribuição dos registos ao longo das diferentes décadas em análise verificamos que existem variações que importa sublinhar e tentar explicar.

Centrando a nossa atenção na totalidade dos macaenses registados no Consulado de Portugal, constatamos que, entre 1879 e 1909, é evidente o maior número de homens registados (Quadro 3). No período seguinte (1910-1949) esta tendência começa a dar sinais de inversão, o que acaba por acontecer nas duas últimas décadas.

No que diz respeito aos migrantes solteiros, verifica-se que a diferença entre homens e mulheres é muito acentuada, com um predomínio dos primeiros, só se equilibrando na última década de 1940.

Quanto aos migrantes que, no acto do seu registo, se declaram casados, observamos um maior número de mulheres do que homens, devido, essencialmente, a um elevado número de registos de homens que casaram duas, ou mesmo três vezes. Finalmente, as pessoas viúvas são maioritariamente do sexo feminino, o que se explica pelas mulheres que se matricularam no consulado como titulares de registo após a viuvez; por isso, o seu número cresce de forma significativa a partir de 1930.

Na primeira fase, até 1909, encontramos um claro predomínio do número de homens em relação ao número de mulheres, numa proporção que se situa em 154 homens para 100 mulheres. Reconhecendo que a proporção entre homens e mulheres de uma cidade depende da diversidade da origem da população, do ritmo de transformação e do meio onde se insere,<sup>7</sup> somos levados a admitir que esta tendência, nesta fase da migração de Macau para Hong Kong, indicia a continuidade da prevalência de uma migração macaense singular masculina até ao início do século xx.

Centrando a nossa atenção na fase seguinte, de 1910 a 1949, os dados disponíveis são, em primeiro lugar, influenciados pelo aumento do número de matrículas que se verificou ao longo destas quatro décadas. Contudo, a totalidade destes registos permite-nos pensar que estamos agora perante uma amostra que nos revela a composição da população que se reunia

## MACANESE DIASPORA

dentro da comunidade macaense, onde já se verificava um forte número de migrantes de segunda geração, naturais de Hong Kong, como veremos mais adiante. Assim, encontramos uma comunidade já estabilizada, com uma proporção de 94 homens para 100 mulheres, resultado da influência do crescimento natural da população, mas convivendo com alguma migração de características familiares e/ou com a reunificação familiar. Veremos de que modo os restantes dados confirmam, ou não, estas tendências.

## AS ORIGENS DOS “PORTUGUESES DE HONG KONG”

A diversidade das origens dos macaenses que viviam em Hong Kong oferece-nos, não só uma visão geral dos principais destinos da emigração macaense, neste primeiro período da diáspora que se prolongou até

à II Guerra Mundial, mas também do lugar que Macau ocupava nas relações entre os diferentes territórios da Ásia Oriental.

As mudanças que ocorreram na China após a I Guerra do Ópio (1839-1842) conduziram à abertura de importantes portos chineses ao comércio internacional, realidade que se alastrou a outros territórios asiáticos, nomeadamente ao Japão.<sup>8</sup>

A presença ocidental, imposta na Ásia Oriental a partir da década de 1840, favoreceu a circulação de mercadorias, capitais e migrantes naquela região. No que diz respeito a Macau, ao perder o estatuto de exclusividade da presença estrangeira na China, a cidade viu deslocar-se para aqueles portos chineses o dinamismo comercial que antes se concentrava no delta do rio das Pérolas, partilhado entre Macau e Cantão. Deste modo, emergiram novas cidades que ganharam protagonismo no panorama urbano

QUADRO 3. MACAENSES MATRICULADOS NO CONSULADO DE PORTUGAL EM HONG KONG POR SEXO E ESTADO CIVIL (1879-1949)

Décadas	Solteiros		Casados		Viúvos		Total*	
	H	M	H	M	H	M	H	M
1880**	35	4	80	95	11	1	126	100
1890	51	1	36	47	7	1	94	49
1900	29	0	35	37	2	0	66	37
<b>Subtotal</b>	<b>115</b>	<b>5</b>	<b>151</b>	<b>179</b>	<b>20</b>	<b>2</b>	<b>286</b>	<b>186</b>
1910	213	33	213	292	11	19	437	344
1920	140	26	124	136	9	4	273	166
1930	237	185	165	217	9	124	411	526
1940	328	334	298	411	16	95	642	840
<b>Subtotal 1910/1949</b>	<b>918</b>	<b>578</b>	<b>800</b>	<b>1056</b>	<b>45</b>	<b>242</b>	<b>1763</b>	<b>1876</b>
<b>Total</b>	<b>1033</b>	<b>583</b>	<b>951</b>	<b>1235</b>	<b>65</b>	<b>244</b>	<b>2049</b>	<b>2062</b>

\* Dos 4168 nomes identificámos o estado civil de 4111 (2049 homens e 2062 mulheres).

\*\* Inclui os registos de 1879.

Fonte: Livros de Matrícula do Consulado de Portugal em Hong Kong (Consulado de Portugal em Macau). Cálculos do autor.

## DIÁSPORA MACAENSE

chinês, com particular destaque para Hong Kong e Xangai, que hoje, no início do século XXI, podem ser classificadas de cidades-globais.<sup>9</sup> No que diz respeito a Hong Kong, trata-se de um novo espaço urbano que, em território chinês, se inscreveu no mundo colonial britânico. Quanto a Xangai, era já um núcleo urbano com dinamismo comercial graças à sua localização geográfica privilegiada. No centro da linha costeira chinesa, Xangai é atravessada pelo rio Huangpu, constituindo-se como um ponto nevrálgico de uma complexa rede fluvial dominada pelo delta do rio Yangtze, um dos quatro principais rios chineses, o que lhe permitiu assumir-se como uma ponte de ligação entre o mundo exterior além-mar e o interior da China.<sup>10</sup> A partir de 1843, quando se anunciou a presença britânica no porto, Xangai ganhou um novo dinamismo, consolidando o seu estatuto de cidade mais populosa da China.

Para outros portos chineses, vizinhos de Macau, e para o Japão deslocaram-se alguns macaenses,

acompanhando a saída das casas comerciais estrangeiras que deixaram Macau e Cantão. E foi também, a partir destes territórios, como Cantão e Japão, que muitos migrantes de segunda geração partiram para a colónia britânica, ajudando ao crescimento da comunidade macaense. No entanto, é de Macau e Xangai que partiu a maior parte dos migrantes que alimentaram a comunidade macaense de Hong Kong (Quadro 4).

Na fase de 1879 a 1909, fica clara a identificação do principal território de origem da comunidade. Eram naturais de Macau 75,8% das pessoas que se inscreveram no Consulado de Portugal em Hong Kong naqueles anos, quase exclusivamente homens (93,7% dos 238 matriculados naturais de Macau). Seguem-se os naturais de Hong Kong (16,2%), migrantes macaenses de segunda geração que se mantiveram na colónia britânica. Os restantes 8% dos inscritos no consulado dispersam-se por Xangai, outros portos da China, Japão, Portugal e algumas possessões ultramarinas portuguesas.

QUADRO 4. NATURALIDADE DOS MACAENSES MATRICULADOS NO CONSULADO DE PORTUGAL EM HONG KONG, POR SEXO (1879-1949)

Naturalidade	1879-1909				1910-1949			
	H	M	Total	%	H	M	Total	%
Macau	223	15	238	75,8	621	404	1025	35,1
Hong Kong	43	8	51	16,2	695	515	1210	41,4
Xangai	3	1	4	1,3	145	143	288	9,9
Portos da China	1	1	2	0,6	62	71	133	4,6
Possessões Portuguesas	4	0	4	1,3	87	17	104	3,6
Portugal	10	1	11	3,5	39	11	50	1,7
Japão	2	0	2	0,6	13	14	27	0,9
Outros	1	1	2	0,6	28	58	86	2,9
<b>Total</b>	<b>287</b>	<b>27</b>	<b>314</b>	<b>100,0</b>	<b>1690</b>	<b>1233</b>	<b>2923</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Livros de Matrícula do Consulado de Portugal em Hong Kong (Consulado de Portugal em Macau). Cálculos do autor.

## MACANESE DIASPORA

Nesta primeira fase, era esporádica a migração de Xangai para Hong Kong. Inscritos no consulado encontramos Eduardo José da Silva Loureiro<sup>11</sup> (n. 1861), matriculado no Consulado de Portugal em Hong Kong em 1882; Eugénio Francisco Xavier dos Remédios<sup>12</sup> (n. 1865), matriculado em 1886; António Wenceslau Xavier<sup>13</sup> (n. 1877), matriculado em 1898. Já em 1900, matriculou-se uma mulher natural de Xangai: trata-se de Ester Maria d’Almeida<sup>14</sup>, esposa de Vicente Ferrer Soares (n. 1877), natural de Goa. Em sentido inverso, de Hong Kong para Xangai, era intenso o fluxo dos migrantes de segunda geração nascidos na colónia britânica. A título ilustrativo, podemos avançar com o nome de António Maria Guterres, nascido em Hong Kong em 1880 e que emigrou para Xangai, onde casou com Francisca Xavier Bernardette do Rosário. Estabeleceu-se nesta cidade como empregado comercial, onde nasceram os seus quinze filhos.<sup>15</sup>

Do Japão chegaram macaenses como Camila Maria Stela Carvalho que nasceu em Kobe, em 1874, e casou em Hong Kong em 1895.<sup>16</sup> Naturais de Portugal, registados no consulado encontramos apenas 11 pessoas (3,5%) neste período. Eram alguns dos reinóis que se aventuraram a emigrar para a Ásia Extrema, oito casados e três solteiros que se dedicavam a diversas profissões, nomeadamente comerciantes (dois), empregados de comércio (dois), marítimos (dois), músico, serralheiro e sapateiro (um de cada).

Na segunda fase, entre 1910 e 1949, registam-se mudanças significativas. A maior parte das pessoas matriculadas no consulado são naturais de Hong Kong (41,4%), seguindo-se os naturais de Macau, com 35,1% dos matriculados. Esta inversão é resultado, em primeiro lugar, da consolidação da comunidade macaense de Hong Kong, passando o crescimento natural a constituir-se como um importante factor que explica a sua composição. Em segundo lugar, os dados indicam uma diminuição do fluxo migratório de Macau para Hong Kong, embora mantendo uma forte influência no crescimento da comunidade.

Xangai surge agora em terceiro lugar, com 9,9% dos macaenses matriculados, resultado de uma migração desta cidade chinesa para Hong Kong nas décadas de 1930 e 1940 (93,1%), quando a cidade começou a viver o clima de instabilidade provocado pela invasão japonesa de 1937 e a II Guerra Mundial, que conduziram ao fim das concessões estrangeiras de Xangai (Quadro 5). Foi, por exemplo, o caso de

QUADRO 5. MACAENSES NATURAIS DE XANGAI INSCRITOS NO CONSULADO DE PORTUGAL EM HONG KONG (1910-1949)

Décadas	N.º	%
1910	11	3,8
1920	9	3,1
1930	130	45,1
1940	138	47,9
<b>Total</b>	<b>288</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Livros de Matrícula do Consulado de Portugal em Hong Kong (Consulado de Portugal em Macau). Cálculos do autor.

Evangelina Patrícia Colaço, que nasceu em Xangai em 1914 e chegou a Hong Kong em 1938, onde desempenhou funções de empregada de comércio.<sup>17</sup>

### O NÚMERO DE FILHOS

Segundo Natalia Ribas-Mateos (2004),<sup>18</sup> para o estudo dos movimentos da população devemos entrar em linha de conta com dois pressupostos teóricos. O primeiro sublinha que as migrações só podem ser analisadas no contexto da história das transformações que têm lugar numa determinada formação social e deduzem-se das pressões externas e internas sobre as economias nacionais. O segundo considera também a necessidade de incorporar o estudo das redes sociais que se mobilizam num determinado movimento da população, mas inserindo-as no seu contexto histórico. As redes sociais têm um papel fundamental na direcção, composição e persistência dos fluxos migratórios e, por sua vez, estão condicionadas por estruturas económicas, sociais e políticas inerentes à história das sociedades emissora e receptora.

Já fizemos referência que, no caso da emigração macaense, o contexto histórico resulta das mutações políticas, económicas e sociais que ocorreram na Ásia Oriental na sequência da I Guerra do Ópio e da assinatura do tratado de Nanquim em 1842. A abertura dos portos chineses ao comércio internacional, a ocupação de Hong Kong, a abertura do império japonês

## DIÁSPORA MACAENSE

e a consolidação da presença ocidental em todo o Sueste Asiático transformou profundamente toda a região, com fortes impactes na China e, também, em Macau. A consolidação da presença britânica em todo o império chinês e a sua fixação em Hong Kong, abandonando Macau onde antes se encontravam estacionadas as suas instituições políticas e económicas, criou as condições básicas para que se iniciasse um importante fluxo migratório.

São conhecidos os testemunhos das consequências deste movimento populacional para Macau, nomeadamente na imprensa da cidade.

“Os filhos desta terra, pela actual decadencia do commercio, não acham aqui um qualquer rumo de vida, conforme suas capacidades e categorias, e por isso são obrigados a procurarem-no em solo estrangeiro. É grande o numero delles espalhado

hoje pelas proximas colonias inglezas e por todos os portos da China. Só em Hong-kong se acham perto de dois mil, e todos eles com ordenados de grande vulto.”<sup>19</sup>

Mas os movimentos da população não são completamente inteligíveis apenas com a sua contextualização histórica. Importa descer ao nível da micro-análise e conhecer as redes sociais que os suportaram. No caso que estamos a estudar, consideramos que a família macaense se constituiu como a principal rede social que suportou o processo migratório macaense.

De um modo geral, no decorrer de um processo migratório que se prolonga no tempo e que dá origem à formação de uma comunidade enraizada no território de destino, começa-se por reproduzir o modelo e a composição familiar de origem, mas depois o migrante tende, progressivamente, a adoptar o modelo familiar dominante na sociedade de acolhimento.

Se observarmos os registos com informação sobre o número de filhos (Quadro 6), identificamos um total de 880 famílias com 2942 filhos. A distribuição do número de filhos por família permite-nos constatar que 37,3% das famílias tem 4 ou mais filhos o que, de algum modo, se traduz na reprodução do modelo familiar tradicional da família macaense.<sup>20</sup> Em síntese, esta tendência é ainda corroborada pela média de 3,3 filhos por família.

As mutações que ocorreram na estrutura da composição familiar dos migrantes, quando se deslocam do território de origem para o de destino, encontram-se indicadas quando analisamos a distribuição do número de filhos por família, comparando os macaenses naturais de Macau e de Hong Kong inscritos no Consulado de Portugal.

No que diz respeito aos macaenses naturais de Macau (Quadro 7), constatamos que o número de famílias com 4 ou mais filhos se encontra acima da média geral, ascendendo a 40,7% tendo, em média, 3,6 filhos/família.

Se centrarmos a nossa análise nos imigrantes de segunda geração, isto é, nos macaenses que já nasceram em Hong Kong (Quadro 8), observamos que estes valores se encontram abaixo da média: 36,6% de famílias com 4 ou mais filhos; e 3,2 filhos por família, afastando-se, deste modo, do padrão de origem.

Como exemplo de família numerosa já referimos anteriormente a de António Maria Guterres, natural

QUADRO 6. NÚMERO DE FILHOS POR FAMÍLIA ENTRE OS MACAENSES MATRICULADOS NO CONSULADO DE PORTUGAL EM HONG KONG (1879-1949)

N.º Filhos/Família	N.º Famílias	%	% acumulado	N.º Total Filhos
12	3	0,3	0,3	36
11	7	0,8	1,1	77
10	13	1,5	2,6	130
9	15	1,7	4,3	135
8	34	3,9	8,1	272
7	25	2,8	11,0	175
6	48	5,5	16,4	288
5	74	8,4	24,8	370
4	<b>110</b>	<b>12,5</b>	<b>37,3</b>	<b>440</b>
3	140	15,9	53,3	420
2	188	21,4	74,6	376
1	223	25,3	100,0	223
<b>Total</b>	<b>880</b>	<b>100,0</b>		<b>2942</b>

Fonte: Livros de Matrícula do Consulado de Portugal em Hong Kong (Consulado de Portugal em Macau). Cálculos do autor.

## MACANESE DIASPORA

QUADRO 7. NÚMERO DE FILHOS POR FAMÍLIA ENTRE OS MACAENSES NATURAIS DE MACAU MATRICULADOS NO CONSULADO DE PORTUGAL EM HONG KONG (1879-1949)

N.º Filhos/Família	N.º Famílias	%	% acumulado	N.º Total Filhos
12	1	0,3	0,3	12
11	6	1,6	1,9	66
10	10	2,6	4,5	100
9	10	2,6	7,1	90
8	17	4,5	11,6	136
7	14	3,7	15,3	98
6	21	5,5	20,8	126
5	28	7,3	28,1	140
4	48	12,6	40,7	192
3	52	13,6	54,4	156
2	77	20,2	74,6	154
1	97	25,5	100,0	97
<b>Total</b>	<b>381</b>	<b>100,0</b>		<b>1367</b>

Fonte: Livros de Matrícula do Consulado de Portugal em Hong Kong (Consulado de Portugal em Macau). Cálculos do autor.

de Hong Kong e pai de 15 filhos. Para além desta, encontramos nos registos consulares o caso de Marciano António Baptista, com 11 filhos.<sup>21</sup> Este migrante, registado no consulado português de Hong Kong no ano de 1882, era natural de Macau,<sup>22</sup> onde nasceu em 1826. Casou em Macau, em 1846, com Maria Josefa do Rosário. Os seus dois primeiros filhos nasceram em Macau e os seguintes em Hong Kong. Marciano Baptista faleceu “na sua casa de Caine Road em Hong Kong a 18.12.1896”.<sup>23</sup>

Para além do número de filhos registados em cada família é também importante tentarmos conhecer os locais onde estes nasciam, em particular a naturalidade do primeiro filho (Quadro 9).

Duas constatações parecem evidentes: (i) quase 70% da totalidade dos primeiros filhos de cada família

já nasceram em Hong Kong; e 30,8% nasceram no território de partida. Tentando fazer uma análise mais detalhada, reconhecemos que o comportamento não se altera entre os dois períodos: curiosamente mantém-se a mesma percentagem do número de filhos que já nascem em Hong Kong (69,2%). No entanto, a principal diferença entre estas duas fases reside na diversidade de origens dos primeiros filhos que nasceram nos territórios de partida: enquanto que, até 1909, 28,2% das crianças eram naturais de Macau, na fase de 1910-1949, a percentagem dos filhos naturais de Macau reduz-se para 13,4%, entrando em cena dois outros importantes destinos da migração macaense nesta época: em primeiro lugar Xangai (8,7%) e, em segundo lugar, outros portos da China (5,1%), a maior parte deles geograficamente próximos de Macau,

QUADRO 8. NÚMERO DE FILHOS POR FAMÍLIA ENTRE OS MACAENSES NATURAIS DE HONG KONG MATRICULADOS NO CONSULADO DE PORTUGAL EM HONG KONG (1879-1949)

N.º Filhos/Família	N.º Famílias	%	% acumulado	N.º Total Filhos
12	2	0,6	0,6	24
10	2	0,6	1,2	20
9	4	1,2	2,4	36
8	15	4,5	6,9	120
7	9	2,7	9,5	63
6	17	5,1	14,6	102
5	35	10,4	25,0	175
4	39	11,6	36,6	156
3	51	15,2	51,8	153
2	68	20,2	72,0	136
1	94	28,0	100,0	94
<b>Total</b>	<b>336</b>	<b>100,0</b>		<b>1079</b>

Fonte: Livros de Matrícula do Consulado de Portugal em Hong Kong (Consulado de Portugal em Macau). Cálculos do autor.

## DIÁSPORA MACAENSE

QUADRO 9. NATURALIDADE DOS PRIMEIROS FILHOS REGISTRADOS NO CONSULADO DE PORTUGAL EM HONG KONG (1879-1949)

Local	1879-1909		1910-1949		Total	
	N.º Primeiros Filhos	%	N.º Primeiros Filhos	%	N.º Primeiros Filhos	%
Hong Kong	81	69,2	342	69,2	423	69,2
Macau	33	28,2	66	13,4	99	16,2
Xangai	1	0,9	43	8,7	44	7,2
Portos da China	1	0,9	25	5,1	26	4,3
Possessões Portuguesas			2	0,4	2	0,3
Japão			2	0,4	2	0,3
Portugal			1	0,2	1	0,2
Outros	1	0,9	13	2,6	14	2,3
<b>Total</b>	<b>117</b>	<b>100,0</b>	<b>494</b>	<b>100,0</b>	<b>611</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Livros de Matrícula do Consulado de Portugal em Hong Kong (Consulado de Portugal em Macau). Cálculos do autor.

como, por exemplo, Cantão. O aumento da presença de crianças naturais de Xangai, nas décadas de 30 e 40, explica-se pelo fluxo migratório que ocorreu de Xangai para Hong Kong, e também para Macau, na sequência das diferentes vagas de refugiados devido aos conflitos internacionais que afectaram a vida das concessões estrangeiras daquela cidade chinesa, sobre os quais também já nos referimos.

Algumas hipóteses podem ser equacionadas em torno destas informações. É constante a percentagem do número de primeiros filhos que nascem no território de chegada ao longo de todo o período, de 1879 a 1949: 69,2%. Tal facto pode significar uma tendência constante para a formação de famílias na sociedade de acolhimento, tendo na sua origem uma migração individual, inicialmente masculina, como vimos anteriormente. Devido à proximidade geográfica, muitos migrantes macaenses iam casar a Macau<sup>24</sup> e a família iniciava a sua vida em comum no território de destino, no caso que estamos a estudar, em Hong Kong. Por outro lado, podemos colocar também a

hipótese de que os restantes 30,8% de filhos nascidos no território de origem representarem a emigração de todo o núcleo familiar, quer de uma só vez, quer por via da reunificação familiar. Reconhecemos a dificuldade em tirar conclusões definitivas com os dados que temos disponíveis, mas arriscamo-nos a avançar estas hipóteses, de modo a tentar ir um pouco mais longe na nossa investigação.

#### AS IDADES E AS PROFISSÕES

A indicação da idade dos macaenses à data do registo não acompanha de forma uniforme todo o período que nos encontramos aqui a analisar. Assim, depois de 1929 apenas conhecemos a idade de três macaenses: dois homens, ambos com 35 anos de idade e uma mulher com 75 anos.

Também importa sublinhar que a informação continua a ser escassa para as mulheres que surgem nos registos consulares – apenas 132 (13,4%) num total de 982 migrantes (Quadro 10) – o que nos obriga a

## MACANESE DIASPORA

algumas reservas perante o significado das percentagens indicadas.

De qualquer modo, a principal constatação diz respeito ao facto da maior parte dos migrantes registados nos consulados se encontrar em idades compreendidas entre os 20 e os 39 anos, atingindo os 62,4%, ou 79,9% se incluirmos também as faixas etárias dos 15-19 e dos 40-44 anos. Trata-se, claramente, de uma estrutura etária onde estão fortemente representadas pessoas em plena idade activa, como é característico nos grupos que optam pela emigração. Apenas cinco menores de 14 anos aparecem como titulares de registo. São excepções, pois a prática geral era inscrever os filhos menores nos registos dos seus progenitores. Todavia, estas constatações só têm significado se assumirmos que as idades identificadas correspondem à idade de chegada a Hong Kong, isto é, a idade do macaense quando realiza a sua deslocação migratória. São poucos os registos dos livros de matrícula consulares que indicam o ano de entrada do migrante na colónia britânica e reconhecemos que muitos não se matriculavam ou só o faziam um ou dois anos depois (alguns, muitos anos depois). Dos dados disponíveis (876 casos que indicam o ano de matrícula e o ano de chegada a Hong Kong) sabemos que 77,5% fizeram o seu registo no ano de chegada ou no seguinte; 6,3% fizeram-no no segundo ano de permanência em Hong Kong; e 16,2%, mais de dois anos depois do ano de chegada. Tendo em conta o número de casos disponíveis com estas informações, importa por isso manter algumas reservas na apresentação e análise destes dados quantitativos e nas ilações que deles se podem retirar, mas a percentagem de 77,5% é surpreendentemente expressiva para podermos reconhecer que a idade do indivíduo, à data do registo, corresponde genericamente à data de emigração.

Aprofundar esta reflexão sobre a idade de chegada dos migrantes macaenses a Hong Kong implica analisar as actividades profissionais que eles desempenhavam na colónia britânica. Neste particular, os resultados confirmam muito do que se tem escrito sobre a emigração macaense para Hong Kong.

Dos registos recolhidos dos livros de matrícula do Consulado de Portugal foi possível identificar a profissão de 3016 pessoas. Destas, 1197 referem-se a actividades não produtivas como “domésticas” (930 mulheres “donas de casa”), desempregados (138, mais

de 90% concentrados nas décadas de 1930 e 1940), estudantes (115), e aposentados (14).

As restantes 1819 pessoas que indicam a sua profissão dispersam-se por diferentes tipos de actividades económicas-profissionais (Quadro 11).

Em Hong Kong, 1367 (75,2%) dos macaenses registados no Consulado de Portugal indicam profissões directamente relacionadas com a actividade comercial e financeira. Mais de 83% destes 1367 migrantes indicam como profissão “empregado de comércio”. Também significativa é a percentagem dos “negociantes” e “proprietários”, superior a 15%, que nos autoriza a colocar a hipótese de se ter criado, na comunidade macaense de Hong Kong, uma elite social que lhe poderá ter conferido um certo protagonismo político e económico na sociedade de acolhimento. Com valores residuais inferiores a 1% encontramos os macaenses empregados na banca e nos seguros.

QUADRO 10. IDADES DOS MACAENSES NO ANO DE CHEGADA A HONG KONG (1879-1949)

Idades	Sexo		Total	%
	H	M		
0-4	0	2	2	0,2
5-9	1	1	2	0,2
10-14	0	1	1	0,1
15-19	89	7	96	9,8
20-24	209	26	235	23,9
25-29	136	19	155	15,8
30-34	97	18	115	11,7
35-39	96	12	108	11,0
40-44	67	9	76	7,7
45-49	56	15	71	7,2
50-54	37	11	48	4,9
55-59	32	3	35	3,6
60+	30	8	38	3,9
<b>Total</b>	<b>850</b>	<b>132</b>	<b>982</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Livros de Matrícula do Consulado de Portugal em Hong Kong (Consulado de Portugal em Macau). Cálculos do autor.

## DIÁSPORA MACAENSE

Nas casas comerciais estrangeiras onde se empregavam, para além do “saber” acumulado no território de origem sobre o exercício da actividade comercial na região, os “empregados de comércio” macaenses facilitavam o contacto entre as diferentes comunidades étnicas e nacionais que se encontravam presentes em Hong Kong e, podemos dizê-lo, também em Xangai: britânicos, portugueses, chineses, americanos.

Em segundo lugar, embora muito distante do sector comercial e financeiro, encontramos o sector público (9,7%), com os macaenses, na sua maioria, a exercer funções burocráticas onde era importante o domínio da língua inglesa e chinesa. Dos 177 migrantes registados no consulado, mais de 16% estavam a trabalhar directamente em serviços da administração colonial britânica. Mas a percentagem mais elevada (quase 29%) estava entregue a três importantes actividades da administração: telégrafo, telefones e correios, isto é, sectores onde era possível rentabilizar as competências multilinguísticas dos migrantes macaenses. Encontramos ainda cerca de 18% com a profissão de carcereiros e polícias.

O terceiro sector de actividade mais referido era o que se centrava nas actividades marítimas (8,4%), onde incluímos pilotos, comandantes, maquinistas e

engenheiros de máquinas. Entre os serviços socioculturais (3,3%), contam-se actividades que envolvem o emprego, principalmente, de professores, músicos e religiosos. Nos ofícios especializados superiores (1,7%) agrupámos todos os macaenses cujas profissões exigem uma formação superior e/ou muito especializada, como os médicos, farmacêuticos e arquitectos, por exemplo. Quanto às actividades industriais (1,2%), elas apenas incluíam profissões menores, fundamentalmente nas áreas da construção civil e da tipografia. Finalmente, entre os serviços pessoais, com apenas 0,5%, surgem criados, damas de companhia e cozinheiros.

Três notas finais: (i) confirma-se que o lugar ocupado pela comunidade macaense no tecido socioeconómico de Hong Kong se encontra na área comercial; (ii) prova-se o papel desempenhado na administração colonial, o qual atraiu muitos macaenses para a nacionalidade britânica; (iii) nota-se a existência de um leque muito abrangente de profissões, o que nos permite pensar numa eventual “auto-suficiência” da comunidade em função do capital humano e cultural disponível.

## COMUNIDADE MACAENSE DE HONG KONG: UM RETRATO POSSÍVEL

Com este artigo pretendemos contribuir para o aprofundamento do saber que hoje circula sobre as comunidades macaenses da diáspora.

Para conseguir este objectivo iniciámos um longo processo investigativo que tem tentado seguir dois caminhos complementares: por um lado, alargar o quadro conceptual de análise a aplicar ao caso macaense, mobilizando o contributo de diferentes ciências humanas e sociais; por outro lado, procurar novas fontes de informação que possibilitem encontrar respostas para novas problemáticas que vão emergindo.

No caso da comunidade macaense de Hong Kong, tentámos sublinhar a importância das mudanças estruturais que ocorreram em toda a Ásia Oriental em meados de Oitocentos e, em particular, na China, no arranque do fluxo migratório de Macau para Hong Kong. Foi neste contexto que se inscreveu a opção de emigrar de cada macaense que partiu rumo à nova colónia britânica, a partir de 1842.

Ao nível da micro-análise, é incontornável o papel que a família macaense desempenhou, enquanto estrutura sociocultural de toda a comunidade, em todo

QUADRO 11. SECTORES DE ACTIVIDADE ECONÓMICO-PROFISSIONAL DA COMUNIDADE MACAENSE DE HONG KONG (1879-1949)

Sectores de Actividade	N.º	%
Actividade comercial-financeira	1367	75,2
Administração pública	177	9,7
Actividades marítimas	153	8,4
Serviços socioculturais	60	3,3
Ofícios especializados superiores	31	1,7
Actividades industriais	22	1,2
Serviços pessoais	9	0,5
<b>Total</b>	<b>1819</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Livros de Matrícula do Consulado de Portugal em Hong Kong (Consulado de Portugal em Macau). Cálculos do autor.

## MACANESE DIASPORA

o processo migratório, quer no arranque e manutenção do fluxo migratório até ao início do século xx, quer no que concerne à sua integração na sociedade de acolhimento.

Um último aspecto merece ser realçado nesta apresentação sumária das características socioculturais da comunidade macaense: a integração no tecido económico (comercial) e nas estruturas da administração colonial resulta do capital cultural acumulado no seu

território de origem e que é transportado como uma mais-valia para o desempenho das tarefas que ocupam os seus membros em Hong Kong. As competências sociais e profissionais de que é portadora, nomeadamente o seu carácter multilinguístico, permitiram à comunidade macaense constituir-se como um grupo migrante atractivo para o dinamismo da nova cidade e garantir a sua integração social no território que escolheu como destino migratório. **RC**

## NOTAS

- 1 Cf. N. Mateos, *Una Invitación a la Sociología de las Migraciones*. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2004, pp. 74-91.
- 2 Sobre o conceito de redes sociais e redes migratórias aconselhamos a leitura de A. Portes, *Migrações Internacionais. Origens, Tipos e Modos de Incorporação* (Oeiras: Celta Editores, 1999); A. Portes, *Estudos sobre as Migrações Contemporâneas* (Lisboa: Fim de Século, 2006); M. Kritz; L. Lin e H. Zlotnik, *International Migration Systems* (Oxford: Clarendon Press, 1992).
- 3 Sobre a comunidade macaense de Hong Kong são referências obrigatórias o texto de J. P. Braga, *The Portuguese in Hongkong and China*, editado pela primeira vez em 1944 e reeditado pela Fundação Macau em 1998; Luís Andrade de Sá, *The Boys from Macau. Portuguese em Hong Kong* (Macau: Fundação Oriente/Instituto Cultural de Macau, 1999); e de António M. Pacheco Jorge da Silva, *The Portuguese Community in Hong Kong. A Pictorial History* (Macau: Conselho das Comunidades Macaenses/Instituto Internacional de Macau, 2007).
- 4 Cf. *Regulamento Consular Português* (Lisboa: Imprensa Nacional, 1921), p. 19.
- 5 Cf. Hongkong Census of 1881, in Ofício n.º 132 de 28 de Junho de 1881, do Governador de Macau, Joaquim José da Graça, para o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar (Arquivo Histórico Ultramarino-ACL-SEMU-1R-002-Cx. 0002).
- 6 Consideramos que a diáspora macaense, iniciada em 1842, se divide em dois períodos distintos: de 1842 a 1949, a emigração macaense encontra-se dispersa numa região limitada ao Sueste Asiático e à Ásia Oriental; de 1950 até aos nossos dias, a diáspora intensifica-se com novos e intensos fluxos migratórios que se dirigem para outros continentes, como a América, a Europa, África e Austrália.
- 7 Cf. J. Beaujeu-Garnier, *Geografia Urbana* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983).
- 8 Sobre as relações Portugal-Macau-Japão no século XIX, propomos a leitura do artigo de Alfredo Dias “Macau, Portugal e o Japão no século XIX. O Tratado de 1860” in *Revista de Cultura/Review of Culture*, n.º 30, Abril, 2009, pp. 104-119.
- 9 Sobre o tema das cidades-globais, S. Sassen, *The Global City, New York, London Tokyo* (Princeton: Princeton University Press, 2001) e, ainda, C. Henriot, *Les métropoles chinoises au XX<sup>e</sup> siècle* (Paris: Éditions Arguments, 1995).
- 10 Cf. M. Bergère, *L'âge d'or de la bourgeoisie chinoise* (Paris: Flammarion, 1986).
- 11 Livros de Matrícula do Consulado de Portugal em Hong Kong (Consulado de Portugal em Macau), Livro A – matrícula 82.
- 12 *Ibidem*, Livro A – matrícula 105.
- 13 *Ibidem*, Livro C – matrícula 221.
- 14 *Ibidem*, Livro D – matrícula 281.
- 15 Cf. Jorge Forjaz, *Famílias Macaenses* (Macau: Fundação Oriente/ Instituto Cultural de Macau, 1996), vol. 2, pp. 158-160.
- 16 *Ibidem*, vol. 1, p. 684.
- 17 Livros de Matrícula do Consulado de Portugal em Hong Kong (Consulado de Portugal em Macau), Livro 23 I – matrícula 961. Segundo Jorge Forjaz, casou em Xangai em 1940 e faleceu em Los Angeles. Cf. *ibidem*, vol. 1, p. 743.
- 18 Cf. N. Ribas-Mateos, *Una Invitación a la Sociología de las Migraciones. Ta-Si-Yang-Kuo*, n.º 28, 28 de Julho de 1864.
- 19 Cf. Ana Maria Amaro, *Das Cabanas de Palha às Torres de Betão. Assim Cresceu Macau* (Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas/Livros do Oriente, 1998) e Luís Andrade de Sá, *The Boys from Macau...*
- 21 Segundo Jorge Forjaz teve 12 filhos. Cf. Jorge Forjaz, *Famílias Macaenses*, vol. 1, pp. 358-359.
- 22 Livros de Matrícula do Consulado de Portugal em Hong Kong (Consulado de Portugal em Macau), Livro A – matrícula 79.
- 23 “Matriculou-se no Colégio de S. José a 30.6.1838 e estudou pintura com George Chinnery, tendo-se afirmado desde muito cedo como pintor de certa nomeada. Hoje é considerado como o mais importante pintor macaense.” Cf. Jorge Forjaz, *ibidem*.
- 24 Cf. Luís Andrade de Sá, *The Boys from Macau...*